



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

DOUGLAS ANDRÉ DE SOUZA

**AUTONARRAÇÃO COMO MODALIDADE PSICOTERAPÊUTICA E UM MEIO DE
INVESTIGAÇÃO DO INCONSCIENTE NA NEUROSE OBSERVADO NA
BIBLIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR**

**ARIQUEMES – RO
2020**

DOUGLAS ANDRÉ DE SOUZA

**AUTONARRAÇÃO COMO MODALIDADE PSICOTERAPÊUTICA E UM MEIO DE
INVESTIGAÇÃO DO INCONSCIENTE NA NEUROSE OBSERVADO NA
BIBLIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção de Bacharelado em Psicologia com formação de Psicólogo, apresentado à Faculdade de Educação e meio Ambiente – FAEMA.

Orientador(a): Prof.(a) Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

**ARIQUEMES – RO
2020**

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon – FAEMA

SO729a SOUZA, Douglas André de.

Autonarração como modalidade psicoterapêutica e um meio de investigação do inconsciente na neurose observado na bibliografia de Clarice Lispector. / por Douglas André de Souza. Ariquemes: FAEMA, 2020.

51 p.

TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.

Orientador (a): Profa. Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

1. Arteterapia. 2. Autonarração. 3. Individuação. 4. Neurose. 5. Elaboração psíquica. I Arantes, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.

CDD:150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

DOUGLAS ANDRÉ DE SOUZA

<http://lattes.cnpq.br/9478538978791199>

**AUTONARRAÇÃO COMO MODALIDADE PSICOTERAPEUTICA E UM MEIO DE
INVESTIGAÇÃO DO INCONCIENTE NA NEUROSE OBSERVADO NA BIBLIOGRAFIA
DE CLARICE LISPECTOR.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao curso de graduação em Psicologia, da
Faculdade de Educação e Meio Ambiente
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Psicologia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA
<http://lattes.cnpq.br/2181183340752599>

1º Examinador: Esp. Hanns Muller Marques Lopes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA
<http://lattes.cnpq.br/0980807319261415>

2º Examinadora: Esp. Nilvani Rodrigues Cabral
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA
<http://lattes.cnpq.br/6963575312000649>

Ariquemes, 30 de Agosto de 2020

A minha querida mãe, irmãos e namorada.

AGRADECIMENTOS

“Deem graças em todas as circunstâncias, pois esta é a vontade de Deus para vocês em Cristo Jesus.”

1 Tessalonicenses 5:18

A Deus por todo sustento vital e graça para vencer as intempéries da existência, guiando-me em seus propósitos de proporcionar bem através da ciência de servir.

A minha família, principalmente minha querida mãe que se desdobrou em seu esforço de ajudar, por todo afeto e preocupação, do qual não conseguiria se não fosse isso.

A professora Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes, por toda inspiração através de sua personalidade marcante e auxílio com seu conhecimento, desde a primeira aula até esse trabalho.

A todos os amigos e professores, que deixaram uma parte de seus esforços e conhecimentos que contribuíram muito para minha formação com trocas de experiências e maneiras de ensinamentos singulares a cada um.

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador.”

Clarice Lispector

RESUMO

A complexidade da mente humana sempre foi alvo de pesquisas e debates. Desde os antigos gregos que exercitavam o pensamento até o nascimento da psicologia, ferramentas foram criadas de modo a compreender o que é posto por muitos como incompreensível. Com Freud, em seus estudos da neurose, descobriu-se que através da linguagem era possível se extrair o que o neurótico tinha de mais recalcado, assim como Jung observava na complexa organização psicótica uma realidade extraordinária a ser compreendida por meio da imagem. Sob essas bases primordiais do saber mental, surgem dispositivos complexos e vantajosos em sua utilidade terapêutica, como a arteterapia da psiquiatra Nise da Silveira, que muito contribuiu para investigação e tratamento da esquizofrenia. Partindo da arteterapia de Nise da Silveira, o objetivo desta pesquisa é trazer ao conhecimento e responder se de fato o inovador recurso “autonarrativo”, falado por autores como Paul Ricoeur, usado pelo Naoki Higashida como expressão de seu complexo mundo autista e por Virginia Woolf como meio do esvaziamento da tensão subjetiva, poderia ser um recurso terapêutico: Poderia ser a literatura um recurso terapêutico de promoção da elaboração psíquica, no caso dos neuróticos, assim como a pintura o é para os psicóticos? Para tanto, este trabalho examina a bibliografia da escritora Clarice Lispector e sua relação biográfica, com o intuito de fornecer um dispositivo vantajoso em psicoterapia, trabalhando a integração de personalidades parciais no processo de individuação, tal qual apresentado por Carl Gustav Jung. Para tanto, pretende-se antever se de fato a escrita de Clarice Lispector pode nos fornecer dados que validam a busca de sentido biográfico em sua autonarração.

Palavras chave: Arteterapia; Autonarração; Individuação; Neurose; Elaboração psíquica.

ABSTRACT

The complexity of the human mind has always been the subject of research and debate. From the ancient Greeks who exercised thought to the birth of psychology, tools were created in order to understand what is considered by many to be incomprehensible. With Freud, in his studies of neurosis, it was discovered that through language it was possible to extract what the neurotic had most repressed, just as Jung observed in the complex psychotic organization an extraordinary reality to be understood through the image. Under these primordial bases of mental knowledge, complex and advantageous devices emerge in their therapeutic usefulness, such as the art therapy of the psychiatrist Nise da Silveira, who greatly contributed to the investigation and treatment of schizophrenia. Starting from the art therapy of Nise da Silveira, the objective of this research is to bring to the knowledge and answer if in fact the innovative resource "self-narrative", spoken by authors like Paul Ricoeur, used by Naoki Higashida as an expression of his complex autistic world and by Virginia Woolf as a means of emptying subjective tension, it could be a therapeutic resource: Could literature be a therapeutic resource for promoting psychic elaboration, in the case of neurotics, just as painting is for psychotics? To this end, this work examines the bibliography of the writer Clarice Lispector and its biographical relationship, in order to provide an advantageous device in psychotherapy, working on the integration of partial personalities in the individuation process, as presented by Carl Gustav Jung. Therefore, it is intended to foresee if in fact Clarice Lispector's writing can provide us with data that validate the search for biographical meaning in its self-narration.

Keywords: Art therapy; Self-reporting; Individuation; Neurosis; Psychic elaboration.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
2. OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3. METODOLOGIA.....	12
4. REVISÃO DE LITERATURA	14
4.1 JUNG E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO	14
4.2 ARTETERAPIA ORIGINADA EM JUNG.....	18
4.3 “IMAGENS DO INCONSCIENTE” DE NISE DA SILVEIRA	20
4.4 A NEUROSE E A ELABORAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM.....	22
4.5 O RECURSO AUTONARRATIVO.....	24
4.6 AUTONARRAÇÃO COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO	26
4.7 A NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR.....	28
5. AUTONARRAÇÃO NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR.....	29
5.1 O TRIUNFO	29
5.2 OBSESSÃO.....	31
5.3 RESTOS DE CARNAVAL	32
5.3 LAÇOS DE FAMÍLIA.....	33
5.5 A DESCOBERTA DO MUNDO	34
5.6 CARTAS AO HERMENGARDO	36
5.7 PERDOANDO DEUS E A HORA DA ESTRELA	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A subjetividade é expressa em todos os lugares, desde que o homem existe por sobre a terra. Poderíamos citar as artes rupestres nas paredes das cavernas, que mostravam cenas da sobrevivência humana, as quais poderiam revelar angústias da necessidade de caçar ou mesmo o trinfo narcisista na conquista da caça. Das antigas civilizações à modernidade, podemos constatar as expressões subjetivas do ser humano nas demonstrações artísticas das artes: escultura, artesanato; arquitetura; pintura; desenho; música; dança; teatro; escrita; artes digitais; tecnologia em geral. Estas produções revelam muito mais que o valor do objeto e sua função em si, mas conteúdo do misterioso oriundo do inconsciente humano, como também a visão de mundo de todas as eras e seus múltiplos arquétipos.

O homem que modifica a natureza e seu meio é objeto de estudo de muitos saberes, os quais visam significar e desvendar seu ser, que se tornou um objetivo fascinante e desafiador em seu desejo por respostas de sofrimentos e desajustes, os quais o campo da biologia e medicina não podem mensurar, e que estabelece a necessidades de saberes como a Psicologia. Esta, tem por instrumento principal a mente humana e todas as suas vias de expressão e interação.

Compreenderemos o conceito literário do romance de formação (bildungsroman) que facilitara o entendimento das possibilidades da função autonarrativa nos processos terapêuticos. Assim a teoria de individuação de Carl Jung se tornará mais clara, sendo ainda necessário percorrer a estrutura da teoria, bem como os arquétipos e o que estes representam.

Dentro dessa perspectiva, os trabalhos de Nise da Silveira se torna muito rico ao saber psicológico, e o que cogitamos aqui, também poderiam ilustrar a aplicação da arte literária na psicoterapia. Nise da Silveira foi uma renomada psiquiatra brasileira que trouxe a estratégia da arteterapia para oferecer uma modalidade de tratamento ao psicótico distinta da que tinha vez na psiquiatria tradicional.

Também aqui traremos aspectos e diferenças entre arteterapia e o esteticismo artístico e a partir da arteterapia, entender os conteúdos psíquicos dos psicóticos configurados como imagens simbólicas, assim como apregoava Jung, com o qual Nise

se correspondeu. As produções artísticas dos pacientes psicóticos no Hospital Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, proporcionavam que os conflitos psíquicos dos pacientes psicóticos fossem traduzidos em suas pinturas, desenhos e esculturas destes, possibilitando uma melhor compreensão da realidade da psique, que é considerada por Jung como inerentemente criativa.

Neste estudo em particular, há a pretensão de veicular também a escrita como produção simbólica de significado. Participando a escrita de uma representação consciente, inquerimos se ela poderia, nos neuróticos, oferecer uma representação simbólica capaz de gerar transformação psíquica e motivar a elaboração. Para tanto, investigaremos algumas das produções literárias da escritora ucraniana naturalizada brasileira Clarice Lispector, em cujos nos contos encontramos reminiscências de sua vida quando criança, assim como processos complexos de experiências e sentimentos vivenciados pela escritora até sua morte, de modo que sua produção poderia bem ilustrar seus complexos psíquicos, oferecendo uma medida de elaboração e sentido de vida, processo este que Jung denominou como “processo de individuação”.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Propor o emprego da literatura como forma de expressão subjetiva do inconsciente na neurose, análogo ao qual Nise da Silveira propôs por meio da arteterapia com pacientes psicóticos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Investigar o percurso autobiográfico e as técnicas da autonarração, que têm na escrita uma expressão psíquica.

Analisar a bibliografia da escritora Clarice Lispector como tomando parte da autonarração.

Correlacionar os escritos de Clarice Lispector com aspectos biográficos.

Avaliar a possibilidade de utilização das técnicas autonarrativas em psicoterapia.

3. METODOLOGIA

O trabalho de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi construído como um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, que, na concepção de Gil (2010), tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou também o estabelecimento de relações entre variáveis.

Verifica-se nesta prática o embasamento em evidências científicas, sendo uma forma de se ter acesso rápido e sintetizado aos resultados esperados por meio de artigos publicados referentes a determinada temática, bem como seu direcionamento e aplicabilidade. Assim sendo, a pesquisa bibliográfica será empregada como fonte de pesquisa para que seja possível alcançar o objetivo deste estudo, apoiando-se em material já publicado por outros autores (SOUZA, 2010).

Utilizando-se de base teórica de trabalhos de profissionais conceituados na área psicológica, psiquiátrica, filosófica, literária e artísticas de modo a corroborar com o objetivo deste trabalho, utilizando-se de livros e artigos com base científica em navegadores, sites e plataformas confiáveis como Google Acadêmico e Scientific Eletronic Library (SciELO). O trabalho pautou-se nos clássicos livros de Carl Jung e de Nise da Silveira, além de artigos, livros e outros referenciais oriundos da literatura científica que corroboram o estudo proposto.

Servindo de objeto de estudo deste presente trabalho, utilizou-se escritos de Clarice Lispector em seus livros, também o livro com uma compilação de seus contos e sua biografia elaborada e publicada no ano de 2016 e 2017 pelo escritor e historiador Benjamim Moser.

Este trabalho também contou com materiais do acervo pessoal, como também da professora orientadora: 15 livros, 13 artigos publicados em revistas do território nacional, 18 artigos nacionais, 02 escritos em inglês e 01 em espanhol, 01 em alemão, 02 dissertações de mestrado, 01 tese de doutorado, 03 monografias, 01 artigo em jornal nacional, 01 publicação em anais de congresso, em um total de 58 referências, a qual foi realizada no período de junho a setembro de 2018, sendo os descritores utilizados na busca: Individualização, Autonarração, Autonarração como ferramenta terapêutica.

Como critérios de inclusão e exclusão, foram analisados similaridades ao tema proposto, instigando a pesquisa de conteúdo que viessem a corroborar com os objetivos da pesquisa, embasando-se em fundamentos científicos, sendo descartados conteúdos considerados irrelevantes, ou que não atendiam a demanda do trabalho.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 JUNG E O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

Há uma forma narrativa que exemplifica o tema abordado e o conteúdo da pesquisa. Considerado um gênero literário de grande importância no mundo ocidental e um orgulho para a literatura germânica (MORGENSTERN, 1988).

O “romance de formação” tradução do termo alemão para “*bildungsroman*”, classificado pelo professor e filólogo Karl Morgenstern, no qual atribuiu ao clássico livro “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister” do escritor Johann Wolfgang von Goethe, como o primeiro exemplo do gênero. A história do livro discorre de maneira dinâmica o início da busca de um jovem por sentido: “Em busca de sua própria alma” (CREMA, 2015, pág. 04). Em sua jornada, o herói Meister, abandona sua vida burguesa e se entrega a arte do teatro, vivendo diversas experiências, aventuras e romances, se permitindo conhecer diferentes categorias sociais, se percebe realizado e maduro (CREMA, 2015).

O termo “Romance de Formação” é complexo e denota muitos sentidos para cultura alemã e a própria formação da sociedade da época com a recente ascensão da burguesia (MAAS, 2005). No que diz respeito a estrutura literária, o romance de formação se trata de um tipo de narrativa no qual discorre a vida do protagonista da história e seu desenvolvimento subjetivo (CREMA, 2015).

O romance de formação nasceu na época do iluminismo, que trabalhava o caminho de mudanças do indivíduo onde está inserido, observando aspectos filosóficos da existência e percepções que formam a personalidade. Se tornou famoso, gerando inúmeras obras e se tornando o principal gênero literário de muitos escritores, como Clarice Lispector em sua notável obra “Perto do Coração Selvagem”.

O conteúdo de caráter *Bildungsroman*, é aquele que apresenta o desenvolvimento do protagonista, desde seu início, seguindo um processo de transformações ocorrendo como que uma integração, no qual as dúvidas e incongruências são substituídas por algum tipo de perfeição (MORGENSTERN, 1988). A visão de mundo se constitui através da experiência do protagonista, de suas questões, reflexões e dramas (SCHWANTES, 2007).

Segundo Morgenstern não se deve confundir Romance de formação com a chamada “jornada do herói” das epopeias, pois as epopeias apresentam o protagonista em direção ao exterior, suas ações e feitos memoráveis, já no romance, apresentam suas ações, mas com efeitos interiores, em uma realidade que influencia tal mudança (MORGENSTERN, 1988).

Percebemos que no gênero literário romance de formação ocorre um processo de esclarecimento do personagem, no plano fictício, isso poderia ocorrer no plano da existência subjetiva?

Diante disso, ocorre a necessidade da busca de uma ferramenta específica que ilustra o funcionamento simbólico da psique e que atenda a demanda expressiva da realidade psíquica da Neurose.

Mas para se encontrar a tal ferramenta, é preciso entender o funcionamento das engrenagens e do processo que se constitui a integração de personalidades parciais em um desenvolvimento chamado de individuação, da Psicologia Analítica de Carl G. Jung (VERGUEIRO, 2008), tal qual o processo do romance de formação na ficção.

Em seu Livro “Aion, estudos sobre o simbolismo de Si-Mesmo”, Jung explica a libido como não limitada à sexualidade, mas uma força sujeita a modificações e que se transforma. Há uma estrutura que se estende desde o profundo inconsciente ao consciente. Na superfície desta estrutura se encontra o Ego, que Jung chamava de “Eu”, dentro do campo consciente, onde se encontra a identidade e reside a capacidade de escolha, os pensamentos, as memórias. Ele entendia o eu como um elemento complexo do qual todos os conteúdos de ordem conscientes se entrelaçam, como um ponto central da consciência, protagonista de todo ato de ordem consciente; no entanto, sua base se constitui também de fatores inconscientes (JUNG, 1951).

Um degrau abaixo do gradiente do consciente para o inconsciente se encontra a Persona, termo que abarca a mesma conotação metafórica da máscara dos teatros gregos, com a qual os artistas passavam a representar divindades, heróis e outras personalidades importantes, traziam histórias da tragédia grega e faziam críticas a realidade social nas sátiras e a comédia, protegidos pela máscara do personagem (AMARAL, 1991).

A Persona se trata de imagens de representações sociais de si, de uma adaptação às exigências da realidade exterior e que responde sempre à carência arquetípica interna. Surge como uma resposta a tradição, o paradigma e a moral, como uma camada protetiva e possui também característica de funções profissionais, no entanto pode confundir-se ao ego em muitas circunstâncias, algo que tem sido alvo de análise, no qual o indivíduo nega sua própria identidade e assume características pessoais e morais que não são suas (JUNG, 1933).

Ao assumir a forma adversa ao ser autêntico e para adequar-se ao esperado, o sujeito carrega também todo o universo dessa persona: o agir, falar, se relacionar, como se nota em um militar ou astro de cinema; no entanto, o limite está na questão de que o quanto o ego está preservado, pois se este se identificar com a persona de tal modo a confundir-se com ela, estará reduzido a uma espessa máscara, com um frágil eu diante das poderosas demandas do inconsciente (SILVEIRA, 1981).

Aprofundando na psique, em camadas mais profundas do inconsciente, encontramos Anima e Animus, arquétipos inconscientes de percepções e ações que na cultura são determinados como masculino e feminino, e tendem a ser opostas. A anima é uma representação do feminino, assim como animus do masculino, mas tanto o homem como a mulher possuem estes arquétipos, porém em intensidades maiores conforme o sexo e modelados pela cultura, que funciona como determinante histórico do que se concebe como masculino ou feminino (JUNG, 1999).

No mais profundo do aparelho psíquico encontramos a Sombra. Apesar do termo trazer uma percepção negativa, ela tem características tanto negativas como positivas, sendo chamada assim porque é a parte mais obscura da personalidade, que tende a ser projetada nos outros, incorporando tanto as virtudes como os defeitos (JUNG, 1951). A sombra é composta por um denso material contendo características mais profundas do ser: suas fraquezas, imaturidade, complexos inferiores e reprimidos, até mesmo a parcela “animal” do homem, sua perversidade e maldade; mas também é formada por traços chamados positivos que se situam como qualidades ainda veladas ao sujeito. A sombra é um arquétipo que não se restringe apenas ao sujeito, em sua experiência pessoal, mas comunga de características coletivas, ou seja, partilha do inconsciente coletivo, seja para promover um processo criativo, como para um processo destrutivo, como a guerra por exemplo (SILVEIRA, 1981).

No livro “O eu e o Inconsciente”, Jung circunscreve que a destinação ideal da subjetividade consiste no conceito de “individuação”, que é a integração de todas as personalidades parciais que existem e influenciam o ego na forma de atuação inconsciente. Esta integração se cumpriria com a organização de uma outra esfera psíquica ordenadora, o “Self”, instância que congrega parcelas conscientes e inconscientes e possibilita que a apreensão do mundo seja também geradora de *insights*. Esta instância psíquica representa utopicamente o fim do processo de individuação, cuja meta é a realização de si mesmo, promovendo a assimilação das parcelas acima citadas, tornando o ser um indivíduo de fato, e único (JUNG, 1957). No entanto, este é um trabalho humano, pessoal, consciente, que só se torna possível por meio de um diálogo entre as instâncias conscientes e inconscientes, ao cabo do que pode-se tornar autêntico, único, o que realmente é, sem interpretações e falseamentos. Ou seja, o “si mesmo” seria o que denota nossa singularidade, nossa peculiaridade, e abstêm-se de formas, normas e sistemas padronizantes que tendem a moldar e alocar um grupo, o que alguns filósofos chamariam de “rebanho” e “massa” (KAST, 2013).

Nise da Silveira, a psiquiatra brasileira promissora e percussora de Jung nos desenvolvimentos da arte terapia, expôs que, no que diz respeito ao fenômeno de individuação, o homem tem a capacidade de se tornar consciente desse desenvolvimento e de influenciar o processo de uma nova organização psíquica - o chamado Self. Nise também descreve esse processo através de figuras de imagem das transformações alquímicas com as quais Jung trabalhou em sua vida. Estas transformações seriam metáforas do processo de individuação. Por isso, a busca da autenticidade torna necessário desfazer-se das falsas máscaras da persona, lidar com a camada da sombra - que quanto mais reprimida, mais densa e escura se torna - diferenciando-se, percebendo sua individualidade, de modo que as projeções desaparecem, pois são justamente essas os desacordos de agir contrário ao ser, e que ocasionam no sujeito o estado neurótico (SILVEIRA, 1981).

Percebe-se similaridades entre o conceito de individuação dentro do que se trata da realidade psíquica, com o romance de formação nas ficções literárias, de fato é coerente dizer que Jung se inspirou em Goethe para elaborar sua teoria (REISDORFER, 2009). No livro de Goethe, “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”, o jovem Meister se desfaz de sua antiga vida de privilégios da classe média

alta, envolve-se em uma paixão por uma atriz e viaja pela Alemanha com atores de teatro, assim percebe um mundo diferente, de pessoas de todas as classes e necessidades, apesar de todas as nuances de dúvidas e sociedades secretas, ele parece encontrar um propósito, uma vida simples e são as experiências que o tornam a si mesmo (MACHADO, 2012). Nessa perspectiva, alinhada à teoria da individuação, podemos investigar a técnica da autonarração, uma modalidade literária da arteterapia.

4.2 ARTETERAPIA ORIGINADA EM JUNG

Para compressão conceito de arteterapia, é primordial o entendimento do que é arte. A arte está presente em toda sociedade de inúmeras maneiras, representando e dando significado a todo fenômeno e realização humana vinda da criatividade.

A ideia que nasce na mente e se transforma em material plástico, recurso visual, da linguagem e do som, da realidade ou da imaginação, abstrato ou concreto, que transmite informação, uma ideia, emoções e sentimentos.

Com essa função da arte de expressar o interno e se fazer notar aquilo que pertence apenas o íntimo do indivíduo, pode ser usado como um recurso terapêutico, no qual o paciente através da arte, passa a representar seu mundo interno, o funcionamento de sua psique, como atividade lúdica, além de despertar a máquina psíquica. (CARATI, 2018)

A arteterapia é um recurso artístico, com objetivo terapêutico, que usa uma espécie de linguagem artística, através da criação estética, como expressão da subjetividade, destinado aos profissionais de Psicologia e outras áreas, atividades que vão desde as artes plásticas à música, da literatura ao teatro, também o cinema, conhecido como a sétima arte (DOS REIS, 2014). É um dispositivo terapêutico que recebeu influência psicanalítica de Freud, mas foi em Jung que teve um construto mais profundo e significativo para o processo terapêutico aplicado à psicopatologia (COQUEIRO, 2010).

Para Jung, a destinação ideal consiste no conceito de individuação, que é a integração de todas as personalidades parciais, na formação do "Self"; neste realizar-

se do si mesmo, há a assimilação de todas as parcelas acima citadas, tornando o ser indivíduo, único. A abordagem junguiana fornece base para os estudos em arte terapia, através dos símbolos e seus significados (TEODORO *et al*, 2019).

Todos os processos e mudanças são direcionados por símbolos. Estes símbolos vêm do self, a essência do indivíduo (PHILIPPINI, 1995), como explicado aqui anteriormente.

A capacidade de criar é a primeira forma de comunicar-se do ser humano, como meio de explicar suas experiências e faz parte da identidade humana que se perdem com as alterações sociais. No mundo antigo as artes eram muito mais profunda na cultura do que atualmente, perceptível nas grandes civilizações, como a grega, que tinha em sua rotina eventos musicais, poéticos e teatrais vistos como tratamento curativo para alma. A arteterapia de certo modo recupera esse costume, usando o que de fato é em sua integridade e sua característica terapêutica intrínseca ao ser humano (BALZANI, 2009).

É necessário aqui traçar as diferenças entre a arteterapia e o esteticismo estético. A arteterapia é o meio de expressão, dos pensamentos, os sentimentos, funcionando com uma ferramenta de produção artística livre, no qual se expande a estrutura da psique humana (KARATI, 2018). Já o esteticismo artístico se tratava de um movimento filosófico, que percebia a existência representada na arte, no qual o belo e o feio era mais que uma arte em um quadro, representava um modo de pensar, política e castas sociais consideradas superiores e inferiores, em que a vida é o propósito da arte (DIAS, 2015).

Representando essas realidades surgem as artes consideradas opostas, o impressionismo e o expressionismo. A arte impressionista surge no século XIX, uma arte que buscava a perfeição dos detalhes e cores saturadas, com objetivo de reproduzir o realismo, o belo, com certeza um marco importante na história da arte, mas que passou a ser entendida como uma arte conformista, atrelada aos luxos da sociedade burguesa, superficial e apenas estético. Em contraposição nasce o expressionismo no início do século XX, principalmente na Alemanha, arte que tinha por objetivo retratar os aspectos subjetivos do artista, como as emoções, um estilo caótico, não sutil, que traziam sempre uma crítica as injustiças sociais, e acabou sofrendo repressão e perseguição pelo estado nazifascista, que atribuía tal arte ao

mal, o feio e o degenerado, observado nas intensas propagandas antissemitas (CASTRO, 2008).

Os dois estilos artísticos representavam mais que um modo de pensar da sociedade, mas um anseio artístico, como descreveu Nietzsche, nos “arquetipos” apolíneo e dionisíaco. A estética nietzschiana desenvolve tais figuras binárias, ambivalentes como o sonho e a embriaguez, representada por Apolo o deus da poesia, da simetria, da lucidez, no qual a energia volta-se a si mesmo e o seu contrário irmão Dionísio, deus do vinho, das festas, do frenesi, da loucura, a energia que se expande ao exterior, em que segundo o filósofo, da combinação dessas duas potências surge a criatividade do artista (DIAS, 2015).

Na arteterapia, o processo é subsidiar recursos artísticos condizentes para que a força psíquica fabrique símbolos e crie significados, de modo que se possa interpretá-los, uma comunicação do inconsciente para o eu. O símbolo funcionando como linguagem de ordem metafórica contém o significado dos mistérios psíquicos, sendo necessário que o terapeuta em arte possua habilidades e instrumentos para coordenar esse processo dentro do *setting* (PHILIPPINI, 1995).

A arteterapia surge na história defendida por nomes como Nise da Silveira, como uma nova visão sobre tratamentos de pessoas com psicose, quando se aclamavam não haver solução ou cura, de modo que funciona como um mediador e estímulo a maior força humana, a “criatividade”, arte essa que contrariou preconceitos para com pessoas com esquizofrenia. De fato, todo o rico espectro da arte nos fornece inumeráveis meios de compreensão e tratamento que leva o ser humano a naturalidade dos fenômenos humanos e da própria natureza (CARATI, 2018). Funciona como método terapêutico para com pacientes possuidores de transtornos mentais, como um recurso humanizado contrapondo à utilização de medidas adotadas largamente pelos médicos de então, tais como psicofármacos e eletroconvulsoterapia.

A arteterapia também oferece um meio para o paciente desenvolver habilidades e conhecimentos e estimular funções artísticas e na inserção social, utilizando a arte como fonte de renda em diversas atividades (MALVEIRA, 2012).

4.3 “IMAGENS DO INCONSCIENTE” DE NISE DA SILVEIRA

Em seu livro “imagens do inconsciente” a psiquiatra Nise da Silveira expõe seu trabalho no Hospital Engenho de Dentro, em que estudava aspectos do inconsciente de pacientes psicóticos através dos trabalhos destes com artes plásticas (DA SILVEIRA, 1981).

Nise tinha uma forte ligação referencial com Jung. O próprio Museu de imagens do inconsciente, como proposta nasceu da Psicologia Analítica, com a contribuição de outros autores, como Artaud e Victor Brauner (MAGALDI, 2015). O trabalho de Nise da Silveira foi de grande importância; conhecida como a “libertadora dos loucos através da arte”, com seu efetivo trabalho na compreensão, na desestigmatização dos doentes mentais, no enfrentamento de paradigmas e poderes psiquiátricos da época que ainda usavam de práticas desumanas com os seus pacientes (MARQUES, 2017).

Funcionava e ainda assim é, um serviço característico da psicoterapia analítica, onde as imagens como pinturas surgem como um início para o que se conhece como associações verbais, no qual os conteúdos reprimidos através das ligações verbais chegam ao consciente. No ateliê de Nise, se o sujeito imerso em sua mente caótica e dissociada consegue amoldar e representar suas emoções e imagens internas, sua visão transtornada do mundo aterrorizante pode ter menos poder, fazendo com que tente organizar sua mente dissociada (SILVEIRA, 1992).

A imagem com símbolo, no conceito junguiano tem a principal função de integrar o si mesmo do indivíduo nesse gradiente que vai do inconsciente do indivíduo e do inconsciente coletivo, até o consciente. O símbolo dá forma à energia psíquica, e se mostra revelador de conteúdos desconhecidos e profundos do indivíduo, agindo também como facilitador da estruturação e mudança dos estados emocionais outrora estabelecidos (PHILIPPINI, 1995).

As pinturas dos psicóticos no ateliê de Nise da Silveira apresentavam conteúdo de uma linguagem remota, primordial e abissal da inconsciência humana; uma linguagem simbólica feita de imagens abstratas, que compunham, de fato, um idioma anterior à escrita humana, fenômeno que se observa como acervo cultural na arqueologia, na história, religiões e mitologias do mundo. Na psicose, o mínimo campo consciente recebe a torrente de energia do mais profundo de sua mente, deixando o sujeito extasiado ou apavorado, e tornando-lhe necessitado de expressão. Mas nesse

universo, a representação por palavra de Freud é insuficiente (SILVEIRA, 1992), e torna passível de ser captada pela imagem.

A abordagem de Jung é propícia no que se refere à psicose. Nenhum teórico investigou tanto o místico, as crenças, os simbolismos e seus significados na cultura humana como Jung, que percebeu uma profundidade espantosa e vasta de significados em toda criação do homem, que de alguma maneira estava correlacionada (BERNI, 2017).

Estudar esses mistérios e simbolismos proporcionou à Nise da Silveira trabalhar arteterapia de maneira primorosa no tratamento da psicose (CARATI, 2018).

A partir disso, faz-se necessário destacar um tópico importante da arteterapia, em razão da sua capacidade de se trabalhar a instância psicótica, analisando a escrita como parte importante da arteterapia, é possível que está aborde a instância neurótica, assim como a pintura e o simbolismo da imagem realiza para com a instância psicótica? É o que buscaremos responder na próxima sessão.

Como já acima citado, o uso da representação palavra¹ através da linguagem para com esquizofrênicos se mostra ineficaz, mas no que diz respeito a neurose ela se torna relevante por conta da capacidade de elaboração psíquica do neurótico pela representação palavra, como já expunha Freud, de modo que outra possibilidade terapêutica de grande relevância surge (ARNAO, 2008).

4.4 A NEUROSE E A ELABORAÇÃO ATRAVÉS DA LINGUAGEM

Após abandonar o método de hipnose em 1986, Freud substituiu tal que ele considerava limitado pela associação livre que ele mesmo desenvolveu nos trabalhos com a neurose, nos tratamentos histéricos, alcançando melhores resultados

¹ A representação palavra diz respeito a associação de imagens acústicas e trata de um complexo associativo que é constituído de imagens acústicas e visuais, em que o acústico é o principal organizador e obtém significado através da associação com a representação coisa.

² A representação coisa ou objeto se trata de um complexo associativo de imagens sensoriais corporais, em que a imagem visual é o organizador mais proeminente.

acessando conteúdos inconscientes com essa técnica da então nova psicanálise. A técnica de associação livre constitui-se, de maneira prática, na colocação do indivíduo em um lugar confortável, disposto em sentido contrário ao terapeuta, que não é visto por ele; e, como o próprio nome da técnica diz, o paciente relata tudo o que está pensando, o que vem à mente, mesmo assuntos que sejam considerados por este sem valor, pobres de sentido ou os que são tidos como de caráter imoral. Este segue um fluxo verbal, indo de representação à representação, como uma janela aberta do inconsciente para o consciente através da representação palavra (MEDNICOFF, 2008).

Para o psicanalista, a palavra é a primal unidade de funcionamento da linguagem em um processo que se constrói pelo processo de associações, de onde se compreende o conceito de representação palavra; neste, o sujeito constitui a representação pela associação entre a imagem acústica que vem da fala do outro, com a imagem cinestésica, que vem da nossa fala, e posteriormente, a imagem visual da palavra e a imagem cinestésica da escrita é somada através do processo chamado por Freud de sobreassociação, que é dinâmica e constante. Quando ocorre a associação da imagem acústica com a imagem visual da representação do objeto, aquela associação anterior tem uma nova significação; nesse sentido, todas as imagens sensoriais se anexam à imagem acústica, tornando-se o elemento principal de todo esse complexo da representação palavra (CAROPRESO, 2001).

O terapeuta apto, através da linguagem expressa pelo paciente, percebe elementos de ordem inconsciente e os interpreta, pois a linguagem funciona como ferramenta que leva os conteúdos angustiantes à escuta terapêutica. Através dela, pode-se ver, mesmo que em fragmentos, a psique humana. Este é o modo como o inconsciente se comunica na neurose, através dos sonhos, dos atos não pensados e da fala livre (SANTOS, 2012). A psicanálise freudiana se constituiu em meio à capacidade de interpretar o que é falado, bem como o conteúdo recalçado, tornando visível a compreensão não somente das ideias, como também dos sonhos. A atenção flutuante permite ouvir e analisar ao mesmo tempo, sem que se fixe em algo e interfira no fluxo.

No entanto, o processo não ocorre de maneira tranquila. O ego momentaneamente se silencia, de modo que materiais oriundos do inconsciente emergem à consciência, mas o ego acaba despertando por causa das pressões do

superego, ativando os mecanismos de defesa e atacando o id, tornando-se resistente, e então, cabe ao analista descobrir qual é o mecanismo de defesa e intervir (MEDNICOFF, 2008).

De todo modo, é necessário que, através da consciência, a força incompreensível seja percebida. Isso se dá pela imagem cinestésica, aliada à capacidade de abstração, para que se encontre a representação palavra, fazendo com que o sentido se torne consciente, e, através da compreensão, elaborando o sentido (CAROPRESO, 2001). Seriam os meios expressivos da literatura passíveis de figurarem o sentido inconsciente da experiência de seu narrador? Se isso for possível, talvez se possa pensar na utilização do recurso narrativo como um meio de promover a associação palavra, utilizando-a na arteterapia, de modo a auxiliar a psicoterapia do paciente neurótico.

4.5 O RECURSO AUTONARRATIVO

Na literatura há um processo singular conhecido como “autonarração”, que é a capacidade literária do autor falar de si de maneira literal ou ficcional. Esta é intrínseca à subjetividade humana e comumente usada como meio de organizar as ideias, as experiências reais e os projetos do pensamento, funcionando como uma maneira de expressão, de trazer sentido ao caos existencial (VIÇOSA, 2019).

Paul Ricoeur, um importante filósofo da hermenêutica de si mesmo, trabalhou essa noção em seu livro “O si mesmo como um outro” (1996), no qual discorre sobre a imbricação entre a identidade pessoal e a identidade narrativa. O certame de seu trabalho se baseia na linguagem, na teoria narrativa como primazia da constituição do si; o entendimento desse “si” vem através da interpretação, isso é, na narrativa, onde a história de vida se torna uma narrativa fictícia, ou uma história fictícia, promovendo uma ligação entre a história de vida e uma autobiografia de ficção, na qual o autor, de maneira inevitável, construirá em sua ficção fatos de sua vida. Nesse entendimento, é possível compreender o real do sujeito através dos escritos imaginários (RICOEUR, 1996, p. 138).

Para Ricoeur, em sua teoria narrativa, o sujeito procura construir sua identidade em vida, de modo que a literatura e a narrativa literária seriam lugares de testes das

ações e pensamentos sobre si e o outro; e é por meio dessa identidade narrativa que se constrói a identidade de si. Logo, a narrativa autobiográfica é uma interpretação desse “si” (SILVA, 2008, p. 103).

O próprio indivíduo se compreende ao narrar suas experiências, sendo passivo de interpretar a sua ação. Interpretar é imaginar a intenção do texto e compreendê-lo. Para Ricoeur, o entrelaçar da história e da ficção se torna mais compreensível quando se busca representações fictícias na própria história. (GUBERT, 2012).

A narrativa, mesmo na ficção, transforma experiência pessoal do autor em realidade através da linguagem, a qual o autor tece a partir dos fatos reais das experiências vividas ou de conteúdos mentais; logo, há sempre parte do autor na história, mesmo no mais insignificante detalhe (GAI, 2009). De fato, é a experiência pessoal e a de outrem que, na narrativa, por sucessivos acréscimos, se constrói a história, tomando como base toda sua cultura, valores, tradição e religião. Isso dota toda verossimilidade da narrativa, a qual, sendo verdade ou não, é aceita pelo ser imerso nessa realidade (BRUNER, 1991).

Considerando a narrativa ficcionista, a qual exerce um maior apego por escritores romancistas, pode-se refletir sobre as causas de sua popularidade: não existem limites na ficção, nem mesmo os limites da realidade, na medida em que a ficção tem a habilidade de criar sua própria realidade, seu universo particular. Mesmo que o conteúdo seja prioritariamente irreal, é dotada de características que são consideradas motivadoras, passíveis de identificação por parte do leitor, porque geralmente fazem com que se projete para a história por meio da imaginação, sem a qual, de outra maneira, não tornaria a história possível, e isso torna a narrativa ficcionista tão sedutora (GAI, 2009).

Mais além deste pertencimento literário, autonarração é perceptível em nossas vidas, imputando a todos os acontecimentos uma necessidade de informar e se transformar em uma autobiografia relativamente coerente (BRUNER, 1991). A partir dessas informações, é perceptível observar que a autonarração pode ser um componente da terapia, encontrando-se muito valorosa no trabalho com a neurose através do percurso autobiográfico do paciente.

4.6 AUTONARRAÇÃO COMO RECURSO PSICOTERAPÊUTICO

O recurso Autonarrativo pode ser empregado na investigação dos fenômenos subjetivos humanos, tornando visível a construção social e histórica existente advinda das experiências pessoais e sociais passíveis de serem desvendadas na escrita, a qual expressa pensamento e sentimento. Por isso, há um aumento nas pesquisas biográficas e autobiográficas, principalmente em instituições de ensino (DOMENICO, 2019). Assim como a arteterapia utilizada nos trabalhos de Nise da Silveira no tratamento com esquizofrênicos, a modalidade da escrita, mais especificamente a autonarrativa, poderia oferecer um meio investigativo no campo da neurose: a escrita como produção simbólica de significado é hábil em gerar mudanças psíquicas e levar à elaboração de conteúdo.

São inúmeros os exemplos dos efeitos terapêuticos dessa ferramenta. Um exemplo de sua relevância em situações extremas, como o que ocorreu no exílio de crianças cativas na União Soviética, é encontrado na autonarração em cartas escritas aos seus pais. Estas se encontram nos diários “Niños de Rusia”, que podem ser encontrados no livro “Palabras huérfanas: los niños y la Guerra Civil”, de Verónica Sierra Blás (2009). Elas traduzem o medo, sofrimento, saudade e solidão passados nos exílios e nas guerras, de modo que a escrita se torna um exercício terapêutico, contribuindo para o alívio de tensões, expressão de sentimentos, a fim de ajudar a resistir à humilhação sofrida, a lutar contra o medo e a opressão através do desabafo literário (SIERRA BLAS, 2009).

A arte literária tem sido trabalhada em diversas pesquisas, como a feita pelo psicólogo social americano James W. Pennebaker em 1997, divulgada na revista *Psychological Science*. O autor realizou a experiência sobre a escrita, na qual os pesquisados escreviam sobre suas experiências emocionais como um processo terapêutico, e concluiu que os efeitos disso são relevantes na melhoria da saúde física e mental, além de contribuir no desenvolvimento de habilidades cognitivas. Em sua pesquisa, os pacientes que escreviam seus estados emocionais tiveram melhoras significativas em sua saúde, como a melhora da imunidade, e também no campo emocional, como melhor humor e redução de ansiedade (PENNEBAKER, 1997). A autonarração também tem sido usada para avaliar a personalidade, segundo o

professor norte americano Delroy L. Paulhus, que é professor de Psicologia da Personalidade, com doutorado pela Universidade de Columbia (PAULHUS, 2007).

A escrita autonarrativa tem se mostrado eficaz também no trabalho para com autistas não verbais, antes considerados atrasados mentalmente por não se expressarem por palavras orais, mas que revelaram habilidades cognitivas primorosas através da escrita. A utilização dessa ferramenta identifica que o mutismo, os comportamentos estereotipados, a falta de contato visual e físico, dizem respeito a características do autismo, e não de um retardo mental propriamente dito (BIALER, 2015).

No livro: “O que me faz pular”, encontramos Naoki Higashida, que na época da publicação era um adolescente de treze anos diagnosticado com um autismo severo. Em seu mundo pessoal e misterioso, recheado de comportamentos considerados inadequados, Naoki tinha dificuldade para se expressar de forma oral, mas através da escrita autonarrativa, utilizando uma técnica em que ele apontava letras para construir o texto, chegou a desenvolver um livro repleto de informações que possibilitou uma melhor compreensão de sua complexa mente (HIGASHIDA, 2014).

Com a ferramenta da autonarração, o autista expressa seus pensamentos, sentimentos, medos, suas dificuldades, a solidão pela qual passa por conta da aversão das pessoas em relação a sua “estranheza”, de modo que a escrita funciona como sua voz, fornecendo uma nova modalidade de organização do aprendizado da realidade, sendo portadora, deste modo, de um potencial terapêutico muito grande (BIALER, 2015).

É evidente que a autonarração irá impactar a personalidade do neurótico, que faz uso de pensamentos, fantasias e sentimentos organizados pela linguagem, em busca de uma dimensão de sentido. Também uma maneira terapêutica de aliviar as pulsões do aparelho psíquico, tal como ocorria com a célebre escritora inglesa Virginia Woolf, que tinha compulsão por escrever, algo que parecia lhe parecia um sofrimento, mas funcionava como um alívio de suas dores (MORETTINI, 2014).

4.7 A NARRATIVA DE CLARICE LISPECTOR

Sob essa premissa, avaliando a bibliografia de Clarice Lispector, escritora de romances e crônicas, e na observação de sua escrita de tom fortemente autobiográfico, nota-se que a escritora revela aspectos de sua subjetividade em um processo de auto ficção (FIDÊNCIO, 2011). Sua obra gera discussões pela intensidade e o mistério do funcionamento da mente nela revelada, e em muitos de seus contos traz questionamentos que confundem aqueles que a tentavam definir.

Clarice nasceu no ano de 1920 na Ucrânia, e diante de muito sofrimento sua família conseguiu refúgio no Brasil quando tinha com poucos meses de idade (BIONE, 2014).

O local de seu nascimento era a província ocidental da Podólia, uma vila ucraniana que se chamava Tchechelnik, lugar extremamente pobre que se tornou ponto estratégico de conflitos políticos e guerra civil. Clarice era de família judia, que como tantas outras que a séculos de diáspora pelo mundo, buscava um lugar no qual pudessem chamar de lar.

O início do século XX não era nada promissor para os judeus: o antissemitismo se fortalecia, mesmo após a primeira grande guerra, e o comunismo se concretizava no governo. No fim de 1918, a Ucrânia sofreu não somente com a tirania do governo, como também de grupos civis de ordem étnico-religiosa, como os Pogrom, que, em bandos, invadiam as cidades em sucessivos ataques às casas de judeus, assassinando, estuprando, roubando e destruindo tudo pela frente. Milhares de pessoas foram mortas pelos pogroms, que eram tolerados pelas autoridades. É nesse panorama que Pinkhas, seu pai, Mania, sua mãe, e as irmãs Leah e Tania Lispector fugiram do país com a bebê Chaya, emigrando para o nordeste brasileiro e adaptando os nomes - de Pinkhas para Pedro, Mania para Marieta, Leah para Elisa, e Chaya para Clarice (MOSER, 2017).

Clarice passou a infância e parte de sua adolescência em Recife, e com quinze anos se mudou para o Rio de Janeiro. Lá, cursou Direito e trabalhou como redatora da Agência Nacional; foi tradutora e jornalista de um jornal chamado “A noite” no ano de 1939, e depois de sua formação em Direito, casou-se com Maury Gurgel Valente,

diplomata, com o qual passou a viver em países como Suíça, Itália, Inglaterra e EUA, retornando ao Brasil após a separação do marido em 1959 (BIONE, 2014).

Foram inúmeras suas obras que conquistaram espaço na literatura brasileira. Clarice foi considerada por muitos como um gênio incompreensível, carregada de mistérios, que levaram muitos a criar inúmeras hipóteses sobre sua personalidade. A escritora que escrevia com uma escrita fluida, marca do funcionamento inconsciente, gerava debates sobre quem era Clarice Lispector (CAVALCANTE, 2019).

Clarice certamente foi uma mulher extraordinária que parecia representar um arquétipo sedutor e emblemático, e suas obras exercem de fato um estranho fascínio. Tinha um notório estilo literário, semelhante à prosa poética, ao narrar histórias que continham os costumes regionais, mas também crítica social, questionamentos sobre a existência, histórias cheias de pontos de referências, de características psicológicas e singularidade. Morreu em 1977 tida como hermética, apesar de não se considerar assim, de todo modo ainda hoje cria admiradores, pois é possível que se descubra mais sobre Clarice em suas obras do que em biografias e análises jornalísticas históricas; cada mínima obra contém um pouco dela: seus medos e apreensões, suas paixões e desejos escondidos nos cenários, nas personagens, nas entrelinhas, no significado das palavras estrategicamente usadas em um contexto específico (BIONE, 2014).

Iremos nos aprofundar em sua bibliografia como objeto de estudo, analisando alguns de seus contos e confrontando-os com sua biografia, visando corroborar com o tema da pesquisa ao equiparar características intrigantes de sua história de vida que se tornam visíveis na estreita relação com a escrita. Neste percurso autobiográfico no qual as produções tinham faceta indivisível com sua vida, Clarice expressava na ficção aspectos de sua subjetividade: mudanças de personalidade, criatividade, e mesmo os sofrimentos da autora (MOSER, 2017).

5. AUTONARRAÇÃO NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR

5.1 O TRIUNFO

Certa vez, em uma entrevista ao repórter Júlio Lerner, em 1977, pouco tempo antes de falecer devido a um câncer, Clarice disse que sempre escreveu, mas decidiu

ser escritora em 25 de maio de 1940, quando aos 19 anos publicou seu primeiro conto, batizado como “O Triunfo”, em uma revista chamada Pan, no Rio de Janeiro, ocasião em que trabalhava como repórter na Agência Nacional (MOSER, 2016). Seu primeiro conto foi publicado em pleno Estado Novo da era Vargas, que tinha característica ser nacionalista e anticomunista, e reprimia a literatura e regulava a mídia da época. Mas como seu conto tinha característica ingênua e pura, não foi submetida a nenhuma censura. Ela narrava o dilema do escritor iniciante que procura inspiração e abandonou sua namorada, a qual extraía dele toda concentração por meio de suas necessidades triviais. Luísa, a personagem principal, supera o tormento do abandono experimentando intensamente o momento em que toma banho em sua banheira, com a certeza de que ele voltaria. Conforme o próprio Benjamim Moser, que escreve a biografia de Clarice, o conto expressaria que “a vida triunfa sobre a literatura” (MOSER, 2017, pág. 169).

O conto é carregado de simbolismos, de uma linguagem poética, que detalha o ambiente de forma magistral, de modo que quem lê tem a sensação de ser invadido por sons, cores e formas:

O relógio bate 9 horas. Uma pancada alta, sonora, seguida de uma badalada suave, um eco. Depois o silêncio. A clara mancha de sol se estende aos poucos pela relva do jardim. Vem subindo pelo muro vermelho da casa, fazendo brilhar a trepadeira de mil luzes de orvalho (LISPECTOR, 1940 pág. 1).

Apesar do dilema enfrentado pela personagem, é perceptível através das cenas, com enredo semelhante a um roteiro, ver semelhanças e abstrações do conto com a própria Clarice, que se utilizaria de um eu lírico puro, com toda sua juventude e vida, perpassada na descrição do amanhecer, também os sentimentos comuns na vida de qualquer jovem que inicia a vida adulta em relação ao trabalho e relacionamento amoroso, perceptíveis na frustração e dúvidas da personagem no que diz respeito ao seu relacionamento com “Ele”, nas frases: “Ele foi embora” [...]; “Como viveria agora?”. A esperança no fim do conto sobre o seu retorno: “Ele voltaria”. Poderíamos sugerir também um empoderamento em sua autoafirmação, nítido da frase que narra a personagem Luísa: “Ele voltaria, porque ela era a mais forte (LISPECTOR, 1940).

5.2 OBSESSÃO

Após o conto “O Triunfo”, Clarice cria o que seria chamado de “o conto mais longo de sua juventude”, intitulado de “Obsessão”, escrita em 1941, com uma personagem intrigante, com características semelhantes da própria escritora. A trama traz a protagonista Cristina, uma jovem frustrada com seu casamento com o previsível Jaime. A personagem sofreu com uma febre tifoide que quase a matara. Aqui se percebe o primeiro elemento nítido de Clarice: seu pai, Pedro Lispector, teve a febre de tifo, que quase o matara (MOSER, 2017).

Recuperada da febre, a personagem é levada para uma pensão em Belo Horizonte e lá conhece Daniel, o antagonista - esse termo lhe cai bem, pois causa sofrimento à personagem, que se vê presa a uma paixão platônica que lhe faz revolver-se em desejos. Diferente da narrativa de “O Triunfo”, a qual Clarice narra em terceira pessoa, em “Obsessão” Clarice narra em primeira pessoa, como se vestisse o personagem (MOSER, 2016). Nessa mesma época, Clarice havia conhecido Lúcio Cardoso, um brilhante escritor que costumava arrebatrar corações por causa do seu talento, beleza e sedução. Clarice havia se apaixonado. No entanto, esse amor se demonstrava improvável, já que Lúcio era homossexual. Mas não somente isso - como expresso por Moser -: os dois tinham características que os tornavam iguais. Essa paixão frustrada, talvez tenha sido o fator essencial no momento que a levou a imergir na literatura: o sofrimento a fazia escrever. (MOSER, 2017)

O personagem Daniel era a fonte de desejo proibido de Cristina, assim como Lúcio era de Clarice. No conto, um trecho específico reflete esse sentimento: “É que ele me dominava de tal forma que, se assim posso dizer, quase me impedia de vê-lo” (MOSER, 2016, pág.37). O tema cabível ao conto “Obsessão” é encontrado do desenvolvimento ao clímax do enredo, mas está explícito nessa passagem: “E nas noites de insônia, sem poder constituí-lo mentalmente, já exausta pelas tentativas inúteis, eu o enxergava qual uma sombra, [...]” (MOSER, 2016, pág.37).

É possível perceber o sentimento de rejeição experimentado por Clarice em relação a Lúcio, através do que a personagem dizia em relação a Daniel: “[...] Uma vez que mal me percebia, colocando-me assim ao lado da pensão inteira, a salvo” (MOSER, 2016, pág.38) e em outra parte: “Quanto mais eu sofria seu desprezo, tanto mais eu o considerava superior” (MOSER, 2016, pág.42).

Decerto era um desejo que ela tinha consciência de ser proibido e isso lhe instigava o desejo: “Daniel era o perigo. E para ele eu Caminhava” (MOSER, 2016, pág.39). Cristina, conformada, retorna à sua vida com Jaime, que parece uma figura do marido afortunado e conservador de Clarice, Maury Gurgel, com o qual foi casada até 1959 (MOSER, 2017).

5.3 RESTOS DE CARNAVAL

Os contos de Clarice, em seu desenvolvimento, são claras representações de seu psiquismo: alegria, ansiedade, expectativa, sofrimento, medo. As personagens que ela apresenta no decorrer dos anos amadurecem com ela, envelhecem com ela. O alvorecer de sua juventude, descrito nos primeiros contos, reaparece no conto “Resto de Carnaval”, publicado no livro Felicidade Clandestina, de 1971. Neste conto, Clarice demonstra um espírito nostálgico, lembrando sua infância no Recife, narrando um evento marcante em toda a costa brasileira, do nordeste ao Rio de Janeiro: o carnaval.

Mas não sei por que, este me transportou para minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos da serpentina e confete. [...] E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate (MOSER, 2016, pág. 397).

Nesse conto, Clarice expressa melancolia, pois ao lembrar, se percebe uma mera expectadora de toda a diversão: “deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé da escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem” (MOSER, 2016, pág. 397). Esse conto se mostra revelador sobre sentimentos de Clarice sobre sua vida e infância, das coisas simples que a tornavam feliz, no medo infantil que tinha das máscaras carnavalescas e de sua percepção tão adiantada do conceito elaborado por Jung sobre as máscaras sociais: “Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário, porque vinha ao encontro da minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara” (MOSER, 2016, pág. 397, 398).

5.3 LAÇOS DE FAMÍLIA

A personalidade de Clarice ainda hoje causa inúmeras discussões e atribuições quase transcendentais, muitas delas das quais a escritora refutava, se mostrando simples e comum, quando abordada. Mesmo assim uma aura mística a acompanhou por toda vida, graças a sua escrita complexa, com uma linguagem prosaica e poética em que cada substantivo traz em si outras informações e adjetivos que roubam a mente do leitor, a refletir angústias e questões relativas a existência (BIONE, 2014).

A escrita para Clarice Lispector era mais que mera profissão era sua maneira de expressar, revelar suas angústias e sofrimento, sendo que de outro modo não poderia (OLIVEIRA, 1989). Por certo que a melancolia sempre estivera presente na vida da escritora, a observar sua história de origem marcada pela dor. Sua família estrangeira havia por muito pouco escapado da morte que assolava a Ucrânia, mas trouxeram marcas irreversíveis de lá, como a pobreza e a doença de sua mãe (CAVALCANTI, 2019).

Mania Krimgold Lispector, (Marieta) sua mãe, foi violentada durante um ataque dos pogroms e contraiu sífilis, sem tratamento, a doença causou sua morte em 21 de setembro de 1930, com 42 anos (MOSER, 2017).

Quando sua mãe faleceu, Clarice tinha apenas 9 anos e passou a vida tentando elaborar o trauma, em seus escritos, sua mãe como um fantasma, reaparece escondida nos personagens, como no noturno conto “Os laços de Família” onde a mãe Severina repetia insistentemente: “Não esqueci de nada?” (MOSER, 2016, pág. 219). A filha presa a rigidez de demonstrar seus sentimentos não se despedira como queria: “Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas – porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais” (MOSER, 2016, pág. 219, 221).

Diante do sofrimento da família durante a guerra civil, no qual o avô fora assassinado, as irmãs famintas, a mãe estuprada e o pai humilhado, Clarice foi considerada afortunada por ter nascido, apesar da doença da mãe, no entanto ela carregava uma pesada culpa. Alimentando uma superstição a família acreditava que o nascimento de Clarice pudesse curar a mãe e mas a frustração se instalou na pequena, já que a cura não veio, conforme descrito em seu livro:

Fui preparada para ser dada à luz de um modo tão bonito. Minha mãe já estava doente, e, por uma superstição bastante espalhada, acreditava-se que ter um filho curava uma mulher de uma doença. Então fui deliberadamente criada: com amor e esperança. Só que não curei minha mãe. E sinto até hoje essa carga de culpa: fizeram-me para uma missão determinada e eu falhei. Como se contassem comigo nas trincheiras de uma guerra e eu tivesse desertado. Sei que meus pais me perdoaram eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. Mas eu, eu não me perdo. Queria que simplesmente se tivesse feito um milagre: eu nascer e curar minha mãe (LISPECTOR, 1984, pág. 66).

A escritora queria ter tido mais tempo com a mãe, suas lembranças dela, eram muito diferente do que ouvira falar, de que Marieta antes do sofrimento era uma garota bela, inteligente, cheia de vida e livre, um contraste com que ela descreveu com uma mulher paralisada numa cadeira de balanço, morrendo lentamente, e essa falta Clarice carregaria por toda vida (MOSER, 2017). Clarice Já conhecera a mãe assim, em um trecho do conto “Os Laços de Família” ela expõe o pensamento de Catarina: “Ah! dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre”. (MOSER, 2016, pág. 219). Apesar do relato doloroso estado de sua mãe, é possível que Clarice em sua percepção infantil enxergasse detalhes do passado colorido de Marieta, como se pode supor em um fragmento do mesmo conto:

O trem já andava e Catarina acenava. O rosto da mãe desapareceu um instante e reapareceu já sem o chapéu, o coque dos cabelos desmanchado caindo em mechas brancas sobre os ombros como as de uma donzela – o rosto estava inclinado sem sorrir, talvez mesmo sem enxergar mais a filha distante (MOSER, 2016, pág. 222).

Houve um tempo em que Clarice acreditou ser a causa do problema de saúde sua mãe, por causa de seu nascimento, até que descobriu que Mania já era doente antes de nascer (MOSER, 2017). Quando criança, sua criatividade aflorada a fazia buscar alegria, mas o sofrimento da mãe a devolvia para realidade: “Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria” (LISPECTOR, 1984, pág. 46).

5.5 A DESCOBERTA DO MUNDO

Moser inclui em sua obra uma passagem revelada por Tania, uma das irmãs de Clarice, de que a escritora após a morte da mãe mudou, a criança alegre agora tinha um aspecto triste e algumas vezes era pega chorando de maneira silenciosa e

sozinha, Clarice parece ser uma pessoa com dificuldades de expressar-se verbalmente, muito dela era revelado em suas obras (MOSER, 2017). Mesmo escrevendo Clarice revelou sua dificuldade de expressão mesmo ao escrever nessa passagem do livro “A Descoberta do Mundo”: “Em algum ponto deve estar havendo um erro: é que ao escrever, por mais que me expresse, tenho a sensação de nunca na verdade ter-me expressado” (LISPECTOR, 1984, pág.168).

A mãe de Clarice, prejudicada pela doença, dependia do marido e das filhas para tudo, principalmente de Elisa, que ainda tinha na mente os horrores vividos na Ucrânia, muitas das quais relatou em alguns de seus livros (MOSER, 2017).

Elisa Lispector foi quem trouxe relatos mais profundos sobre sua mãe, no qual Marieta dizia concisa não querer mais viver. A moça, tendo que realizar compromissos como ir à escola, deixava a mãe ali amortecida, o que pode denotar uma ocorrência rotineira de um desejo de morrer; o desgaste físico e emocional na matriarca afetava toda família (LISPECTOR, 1948).

Pedro Lispector Trabalhava para comprar remédios, as filhas Elisa e Tania cuidavam de sua higiene e alimentação, mas Clarice, apenas uma criança, orava a Deus e apelava para sua criatividade, tentando trazer o mínimo de alegria a mãe rígida. A capacidade de criar histórias iniciou-se aí, encenando peças e desenhos, pois em sua ingenuidade acreditava que isso pudesse curar. Clarice não pode impedir, em meio a orações ao Deus de Israel, que sua mãe partisse; a própria Marieta via a morte como alívio de seu fardo (MOSER, 2016).

Esta perda não deixaria Clarice até o fim de sua vida. Em muitos de seus contos, em grande parte de personagens em relações familiares, o personagem “mãe” está presente, mesmo na morte como nessa passagem no conto “Um Dia a Menos”: “Mas estar tão malvestida – roupa ainda da falecida mãe – não lhe agradava” (MOSER, 2016, pág. 633).

A literatura de Clarice Lispector fala mais de si mesma do que sobre personagens fictícios. É nos contos que se observa quem de fato foi essa mulher intrigante, a qual até hoje gera inquietação, e em relação à qual muitos se enfermam em uma paixão arquetípica, extasiados pelos mistérios que a tornavam tão interessante, quase um enigma. Os seus modos refinados, apesar da infância pobre

em Pernambuco e o seu silêncio misterioso causavam de sobremodo um constrangimento (MOSER, 2016).

Como já dito aqui, Clarice quando entrevistada, que diga-se de passagem eram raras, suas respostas sempre curtas, quase vazias de sentido. De fato, Clarice não se expressava com a voz em nenhum discurso oral; era no ato de escrever que deitava sua alma (MOSER, 2017). A escritora frisava que ela não era o resultado do que escrevia, como expressão, mas ela era como identidade antes de sua obra como dito nessa passagem: “Mesmo continuando a escrever, usarei o silêncio. E, se houver o que se chama de expressão, que se exale do que sou. Não vai mais ser: “Eu me exprimo, logo sou”. Será: “Eu sou, logo sou” (LISPECTOR, 1984, pág. 168).

5.6 CARTAS AO HERMENGARDO

Clarice tinha muitas questões sobre si em relação a sua identidade, como sua origem, até seu nome, judia nascida em uma cidade Ucrâniana chamada Tchechelnik em plena guerra civil russa e tinha o possuía o nome Chaya, que no Brasil acabou sendo adaptado para Clarice. Sua origem vinha de uma família tradicional judaica que se estabeleceu durante o império Russo. Por causa dos horrores das guerras e programações genocidas do antissemitismo, a crença de que Deus abandonou seu povo era generalizado, no entanto isso não tirou a tradição da fé judaica da família Lispector, que como alguns milhares de judeus que migraram para os Estados Unidos e Brasil para fugir da morte, se estabeleceram em território brasileiro (MOSER, 2017).

Pode ser que a origem judaica e turbulenta de Clarice, tenha contribuído para todo misticismo que a envolvia, pelo menos na interpretação dos observadores (MUSH, 2019). Mas Clarice não trouxe consigo a fé da família, pelos menos não do mesmo modo, dizia-se não ter religião e não gostar dos rituais fundamentais, apesar de nunca ter se desvencilhado de suas raízes, até mesmo em sua morte ter sido acompanhado por um ritual ortodoxo (MOSER, 2017). No entanto não era atea, Clarice via Deus no incompreensível e no mistério, que pouco podia ser explicado por palavras (MOSER, 2016).

No conto “Cartas a Hermengardo”, Clarice encarna Idalina, uma pessoa comum, escrevendo cartas ao interlocutor, um fluxo de consciência no qual a personagem revela-se informada, e por fim, vencida pela aceitação da realidade, no

qual mesmo possuindo uma fé vacilante, acaba sempre voltando a segurança de Deus. É extraordinária a percepção de Clarice, narrando em primeira pessoa, sendo outra pessoa, ou talvez de fato fosse essa Clarice, sem máscaras, a oscilação entre o inconformismo e o conformismo (MOSER, 2016).

A personagem Idalina, apesar de toda culpa que sentia por não ser grata e ter seus questionamentos expressa:

Mas eu tenho confiança Nele e na sua compreensão absoluta. No dia do Juízo Final eu cantarei a canção dos pinheiros de Roma diante de Deus. Sem palavras, e assim eu Lhe levarei o segredo inteiro e puro para receber uma explicação. E Ele me entenderá tanto, que não usará de palavras: cantará outra canção (MOSER, 2016, pág. 107).

A ideia que Clarice tinha sobre Deus, não era mesma que a religião lhe oferecia, diante de todas as situações injustas que presenciou na infância, como a morte da mãe por uma doença repulsiva, a pobreza e humilhações que o pai passou, logo um judeu tão fervoroso (MOSER, 2017).

5.7 PERDOANDO DEUS E A HORA DA ESTRELA

Clarice abandonou o judaísmo e tentava entender Deus e localizá-lo na existência; em um conto chamado “Perdoando Deus”, escreveu: “Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe” (MOSER, 2016, pág. 407). Neste conto, narrado em primeira pessoa, não se esconde atrás de uma personagem, discorre como se contasse sua própria experiência. Neste conto Clarice expõe sua percepção sobre a fé, questionando o modo de pensar que consterna todo ser humano na culpa, aquele de interpretar Deus conforme a natureza humana, a moralidade da divindade pelo olhos da nossa moral: “Enquanto eu imaginar que “Deus” é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar (MOSER, 2016, 406).

Em sua última obra, uma novela, publicado pouco antes de sua morte, chamada “A Hora da Estrela”, no qual contava a história de uma moça nordestina pobre chamada Macabéa, que comia apenas cachorro quente, vivendo em uma pensão no Rio de Janeiro, sem pai nem mãe e que perdeu o namorado para outra mulher, as similaridades entre Clarice e a personagem são nítidas, como ter sido criada no

nordeste brasileiro, ter perdido pai e mãe muito cedo, se mudar para o Rio e sofrer frustrações amorosas. Nessa história Clarice faz confissões sobre Deus que desde o começo parecia ser o seu grande mistério e seu debate pessoal (LISPECTOR, 1977).

“Rezava mas sem Deus, ela não sabia quem era Ele e portanto Ele não existia” (LISPECTOR, 1977, pág. 41). Segundo Moser, havia um registro escrito de Clarice, em um exemplar do livro “A hora da Estrela”, enviada a um escritor amigo chamado Alceu Amoroso Lima, com quem havia trabalhado a mais de 30 anos antes em um livro chamado “O Lustre”, estava escrito: “Eu sei que Deus existe”. (Moser 2017, pág. 644)

O que colocou fim na incerteza de Clarice? Alguém poderia dizer que o medo da morte, faz o descrente acreditar em Deus, por causa do medo, mas não poderia ser por tal motivo, pois Clarice percebeu que Deus sempre esteve com ela, não na religião, mas na sua criatividade inocente, no seu esforço de tentar alegrar sua mãe, nas horas em que tentava buscar compreender sobre coisas do qual ignoravam, na sua revolta contra maldade, como no conto “Mineirinho”, no seu desejo intenso de se expressar (MOSER, 2017). Lispector, “Lírios no peito”, perto de morrer, viu que ela mesma era uma obra de arte feita por Deus o grande “Artista” como escreveu:

Sou um objeto querido por Deus. E isso me faz nascerem flores no peito. Ele me criou igual ao que escrevi agora: “sou um objeto querido por Deus” e ele gostou de me ter criado como eu gostei de ter criado a frase. E quanto mais espírito tiver o objeto humano mais Deus se satisfaz. Lírios brancos encostados à nudez do peito. Lírios que eu ofereço e ao que está doendo em você. Pois nós somos seres e carentes. Mesmo porque estas coisas – se não forem dadas – fenecem. Por exemplo – junto ao calor de meu corpo as pétalas dos lírios se crestariam. Chamo a brisa leve para a minha morte futura. Terei de morrer senão minhas pétalas se crestariam. É por isso que me dou à morte todos os dias. Morro e renasço. Inclusive eu já morri a morte dos outros. Mas agora morro de embriaguez de vida. E bendigo o calor do corpo vivo que murcha lírios brancos. O querer, não mais movido pela esperança, aquieta-se e nada anseia. [...] Eu serei a impalpável substância que nem lembrança de ano anterior substância tem. (MOSER, 2017, pág. 648)

Clarice finaliza seus últimos escritos revelando o que em todo este trabalho foi investigado, ela escrevia por que era uma força em busca de expressão: “Estou caindo no discurso? que me perdoem os fiéis do templo: eu escrevo e assim me livro de mim e posso então descansar” (MOSER, 2017, pág. 652)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se chegar ao entendimento da capacidade da autonarração em sua função terapêutica, foi delineado o processo desde os aspectos do romance de formação, que trabalha o desenvolvimento emocional e social de um personagem, quanto o conceito junguiano sobre individuação, no qual semelhantemente ao romance de formação, o sujeito na vida real pode integrar suas personalidades parciais e atingir o Self, o si-mesmo. Prosseguindo investigamos a arteterapia, que já trabalha como ferramenta terapêutica, a instância psicótica, nos tratamentos com esquizofrênicos; diante disso, investigamos se a literatura como arteterapia poderia ser usual como ferramenta terapêutica junto aos neuróticos, como meio para qual possa se ocorrer um processo elaborativo de determinantes inconscientes.

Com isso, Clarice Lispector e suas obras se tornaram objeto de estudo, no qual analisando seus contos de maneira detalhada, se pode encontrar aspectos de sua personalidade, sentimentos, traumas e desejos, fenômeno no qual se denomina autonarração, no qual o escritor transmite, mesmo que apenas um fragmento de si mesmo em sua obra ou em seus personagens, de maneira direta ou indireta.

Apesar do potencial da autonarração poder ser evidenciado, ainda há um desconhecimento das técnicas auto narrativas como compondo o “percurso autobiográfico”, a qual pode se tornar uma ferramenta usual em psicoterapia. Tal recurso, como foi abordado, serve para explorar aspectos da subjetividade do neurótico, aspectos que foram elencados em algumas passagens no exame da obra da escritora Clarice Lispector, que projetava a si mesma através da escrita ficcionista, onde o elemento autobiográfico pode ser constatado.

Como espera-se ter podido ser demonstrado, a autonarração pode ser trabalhada além do recurso investigativo, mas também como o manejo das pulsões, junto aos transtornos da neurose, compondo uma técnica da arteterapia passível de ser usada com pacientes neuróticos – complementar às técnicas imagéticas que já são utilizadas com pacientes psicóticos. Isso nos mostra o amplo recurso terapêutico que a arte é capaz de fornecer.

Este trabalho pode contribuir no conhecimento da psicologia do emprego da escrita como terapêutica baseada na arte, mostrando que a área da Psicologia é muito mais rica do que comumente se convencionou e existem muitas ferramentas que podem facilitar a análise da demanda do paciente, assim como seu acompanhamento psicoterapêutico e tratamento. Pode ainda fomentar discussões e estimular mais pesquisas nessa área, contribuindo com o saber psicológico no que diz respeito à autonarração aliada à psicoterapia, além de fazer notar sua influência positiva também para o enriquecimento da cultura e artes literárias.

No *setting* terapêutico, a autonarração funciona como uma produção simbólica de significado, como uma representação consciente que pode gerar transformação psíquica e levar à elaboração. Pode vir a se tornar uma ferramenta que permite o paciente expressar questões íntimas, de caráter subjetivo e traumáticos, os quais ele teria dificuldade ou mesmo não expressaria verbalmente, facilitando o trabalho do psicólogo e permitindo uma maior profundidade no processo.

Além do que, espera-se que este trabalho possa servir-se de base teórica de estudos para aqueles que se interessam por literatura, visando estimular para mais pesquisas na área, e quem sabe, porventura, até se tornar uma disciplina do currículo acadêmico, por meio da qual cada vez mais profissionais poderão utilizar esta modalidade psicoterapêutica, aumentando os recursos para se trabalhar o campo da neurose e enriquecendo o trabalho dos profissionais psicólogos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Ana Maria. **Teatro de formas animadas: máscaras, bonecos, objetos**. 1ª Edição. São Paulo: Edusp, 1991. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=InGKrQSeK1AC&oi=fnd&pg=PP39&dq=teatros+gregos+mascara&ots=bGAbNOOI-9&sig=txZXjUqmujuw74-wIAHovhoCYJQ#v=onepage&q=teatros%20gregos%20mascara&f=false>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- ARNAO, Magdalena. **A distinção entre representação de palavra e representação de coisa na obra freudiana: mudanças teóricas e desdobramentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 11, n. 2, p. 187-201, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982008000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- BALZANI, Leopoldina Rita do Nascimento. **Jung, Mandalas e o Patchwork em Arteterapia**. Tese de Doutorado. Brasília-DF: Universidade Candido Mendes, 2009. Disponível em: <https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/posdistancia/38305.pdf>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- BARROS, José D.'Assunção. **Paul Ricoeur e a narrativa histórica**. História, imagem e narrativas, 12: 1-26. Rio de Janeiro: Universidade Rural Federal, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Jose_Barros33/publication/268286263_Paul_Ricoeur_e_a_Narrativa_Historica/links/5a067584aca272ed279c5862/Paul-Ricoeur-e-a-Narrativa-Historica.pdf>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- BERNI, Luiz Eduardo Valiengo. LACHMAN, Gary. **Jung, o místico**. São Paulo: Cultrix, 2010, 1ª reimpressão, 2015, 280 p., ISBN 150.1954092. Revista Relegens Thréskeia, v. 6, n. 2, p. 99-102, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/download/51360/34186>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- BIONI, Elayne. **Clarice Lispector**. Moisesneto.com, 2014. Disponível em: <<http://moisesneto.com.br/claricelispector.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- BIALER, Marina. **A escrita terapêutica no autismo**. São Paulo: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 18, n. 2, p. 221-233, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142015000200221&script=sci_abstract&tlng=de>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.
- BRUNER, Jerome. **A construção narrativa da realidade**. Critical Inquiry, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cs0115>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

CARATI, Edna Aléssio de Barros Costa. **A Arteterapia como dispositivo terapêutico no tratamento da esquizofrenia.** ARIQUEMES: Faculdade de Educação E Meio Ambiente, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.faema.edu.br/handle/123456789/2323>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

CAROPRESO, Fátima. **Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud.** Ribeirão Preto: Paidéia, v. 11, n. 20, p. 29-38, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2001000100004&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

CASTRO, Márcio Sampaio de. **A modernidade como campo de tensão criativa para o impressionismo e o expressionismo: Uma análise sociopolítica.** Campinas: Anuário da Produção Acadêmica Docente Vol. II, Nº. 3, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.pgsskroton.com.br/bitstream/123456789/1574/1/v.2,%20n.3,%202008-391-400.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

CAVALCANTI, Henrique Inojosa. **Clarice Lispector: Uma memória, diferentes visões.** Recife: In: XII Colóquio de História da UNICAP, II Colóquio de história do PPGH. 2019. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ocs/index.php/coloquiodehistoria/colhistoria2018/paper/view/852/337>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

CAVALCANTI, Henrique Inojosa. **Histórias do Recife (1925 a 1935): Clarice Lispector e o encontro com a cidade.** Recife: ANPUH–Brasil–30º Simpósio Nacional de História, 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564744170_ARQUIVO_ArtigoHenriqueInojosa.pdf>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

CREMA, Roberto. **A construção do sujeito.** Rio de Janeiro: Revista Pontifex: Ciência, filosofia, arte e tradições sapienciais, v. 1, n. 2, p. 1-39, 2015. Disponível em: <http://www.revistapontifex.org.br/atual/artigo01_roberto_crema.pdf>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

COQUEIRO, n. f., vieira. *et al.* **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental.** Fortaleza: Acta Paulista de Enfermagem, 23(6), 859-862, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3070/307023868022.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

COOK, Manuela. **Deus, vida e morte em a paixão segundo GH de Clarice Lispector.** Wolverhampton: Revista do Centro de Estudos Portugueses, v. 19, n. 24, p. 169-180. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6811>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

DIAS, Rosa Maria. **Arte e vida no pensamento de Nietzsche.** São Paulo: Cadernos Nietzsche, v. 36, n. 1, p. 227-244, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2316-82422015000100227&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

DOMENICO, Silvia Marcia Russi de. **Autonarrativas como recurso pedagógico no desenvolvimento de um olhar qualitativo**. Vol. 3: 548-557. CIAIQ, 2019. Disponível em: <<https://www.proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2359>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

FIDÊNCIO, Luana Marques, et al. **Autobiografia ao Correr da Máquina: A Escrita de Si na Crônica de Clarice Lispector**. Uberlândia: UFUMG, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/11823>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. **Narrativas e conhecimento**. Rio Grande do Sul: Revista Desenredo, v. 5, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1247/760>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

GUBERT, Paulo Gilberto. **Da constituição da identidade narrativa na obra “O Si-Mesmo como um Outro” de Ricoeur**. Brasília: Revista Pólemos, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/download/11487/10112>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. Gávea: Editora Intrínseca, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=JHYcAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=naoki+yashida+o+que+me+faz+pular&ots=PW4fOY0H1R&sig=JnpdnKM2VY__Sg8FpbwmsPCBq2A#v=onepage&q=naoki%20yashida%20o%20que%20me%20faz%20pular&f=false>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

JUNG, C. G. **Aion, estudos sobre o simbolismo si mesmo (1951)**. Petrópolis: Editora Vozes. Obras Completas de C. G. Jung Volume IX/2, 1998. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/68977842/jung-c-g-aion-estudos-do-simbolismo-do-si-mesmo>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente (1957)**. Petrópolis: Editora vozes. Obras Completas de C. G. Jung Edição 21^a. 1998. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LtAbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=C.+G.+Jung.+O+EU+E+O+INCONSCIENTE+\(1957\)&ots=YCsMvk1Mlv&sig=wjKGTtyMz9VZCNTuEIIWTUOHoxw#v=onepage&q=C.%20G.%20Jung.%20O%20EU%20E%20O%20INCONSCIENTE%20\(1957\)&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=LtAbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=C.+G.+Jung.+O+EU+E+O+INCONSCIENTE+(1957)&ots=YCsMvk1Mlv&sig=wjKGTtyMz9VZCNTuEIIWTUOHoxw#v=onepage&q=C.%20G.%20Jung.%20O%20EU%20E%20O%20INCONSCIENTE%20(1957)&f=false)>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo (1933)**. Petrópolis: Editora Vozes. Obras Completas de C. G. Jung, 2^a Edição. 2002. Acesso em: 30 Agosto. 2020. Disponível em: <<https://psicologadrumond.files.wordpress.com/2013/08/c-g-jung-os-arquc3a9tipos-e-o-inconsciente-coletivo.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

JUNG, Emma. **Animus en Anima**. Zurique: Lemniscaat Publishers, 1999. Disponível em: <https://www.academia.edu/8565595/91416215_Emma_Jung_Anima_e_Animus>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

KAST, Verena. **A Dinâmica dos Símbolos: Fundamentos da Psicoterapia Junguiana**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=tOQbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=individua%C3%A7%C3%A3o+jung&ots=5mhOCH9NE9&sig=80R6KH5uQtn2K5iR_LZeNW3bnpU#v=onepage&q=individua%C3%A7%C3%A3o%20jung&f=false>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Triunfo**. Rio de Janeiro: Revista Pan, 1940. Disponível em: <http://static.publico.pt/files/lpsilon/2016-06-24/Todos_os_Contos_excerto.pdf>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

LISPECTOR, Clarice. Obsessão, 1940. **A bela e a fera**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 41-82, 1979. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cx08v>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Restos do carnaval. Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 25-28, 1971. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cx08v>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984. Disponível em: <<https://nessageografia.files.wordpress.com/2016/06/a-descoberta-do-mundo-clarice-lispector.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

LISPECTOR, Elisa. **No exílio: romance**. Michigan: Irmãos Pongetti (José Olympio), 1948. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/livros/elisa-lispector/no-exilio/3051665011>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. **O romance de formação (Bildungsroman) no Brasil. Modos de apropriação**. Caminhos do Romance, 2005. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/romance_formacao.doc>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MACHADO, Vinícius Gomes. **Viagem Inacabada: Goethe e Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: universidade Federal de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, programa de pós-graduação em Filosofia, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/45549128.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MAGALDI, Felipe Sales. **Imagens do inconsciente: Pessoa e visualidade no projeto médico-científico de Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Anais da ReACT - Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. 2015. Disponível em: <<http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/react/article/view/1375>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MALVEIRA, Plínio Pinto; MOREIRA, Josefa Janiele Lopes; DE OLIVEIRA, Gislene Farias. **Arteterapia e saúde emocional de pacientes em tratamento no CAPS**. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/psicopatologia/saude-mental/arteterapia-e-saude-emocional-de-pacientes-em-tratamento-no-caps>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MARQUES, Ivonise Aglaé. **Nise da Silveira: O Pioneirismo na terapia com arte-educação no Brasil**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/50295>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MEDNICOFF, Elizabeth. **Dossiê Freud**. São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2008. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/sn51>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MORETTINI, Thays Caroline Barroca Ribeiro. **Literatura como veneno e antídoto: O Phármakon da escrita nos diários de Virginia Woolf**. Londrina: Línguas & Letras, Unioeste, 2014. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10173/8040>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MORGENSTERN, Karl. **Über das Wesen des Bildungsromans** (1820). In: SELBMANN, Rolf. (ed.) **Zur Geschichte des deutschen Bildungsromans**. Munique: Darmstadt : Wiss. Buchgesellschaft, 1988. Disponível em: <<https://epub.ub.uni-muenchen.de/5349/1/5349.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MOSER, Benjamin. **Clarice: Uma biografia**. São Paulo: Editora companhia das Letras, 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=igo_DgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP5&dq=clarice+benjamim+moser&ots=4BH8gAwuCp&sig=zYsdqpxavo8sCKCAHnO-qbgjd-k#v=onepage&q=clarice%20benjamim%20moser&f=false>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

MUSH, Sebastian; WILLEM, Bieke. **Clarice Lispector sobre a judaicidade depois da shoah: uma leitura de “Perdoando Deus”**. Osnabrück: Revista da Anpoll, v. 1, n. 50, p. 208-218, 2019. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/1352-4863-1-PB.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

OLIVEIRA, Maria Elisa de. **Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector**. São Paulo: Trans/Form/Ação, v. 12, p. 47-56, 1989. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/trans/v12/v12a04.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

PAULHUS, Delroy L.; VAZIRE, Simine. **The self-report method**. New York: Handbook of research methods in personality psychology, v. 1, p. 224-239, 2007. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/The-self-report-method.-Paulhus-Vazire/aaf209e53a0837621062126080263a89a38321d7>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

PENNEBAKER, James W. **Writing about emotional experiences as a therapeutic process**. Washington, D.C: Psychological science, v. 8, n. 3, p. 162-166, 1997. Disponível em: <http://www.gruberpeplab.com/teaching/psych3131_summer2015/documents/14.2_Pennebaker1997_Writingemotional experiences.pdf>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

PHILIPPINI, Ângela. Universo junguiano e arteterapia. **Imagens da transformação** Revista de Arteterapia, Pomar: Volume II da Coleção de Revistas de Arteterapia. v. 2, n. 2, p. 4-11, 1995. Disponível em: <

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/39535747/arteterapia_e_Jung.pdf?1446155890=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3Dmulheres.pdf&Expires=1598950559&Signature=Gq6QInyHQi6ESFLEP7GHdxWklyEm96q~fPFkpszsu8ChwVBPVEIGI2Om4UoPWSw cZHkDlcn9y5xmm~JFF4HcHNOjnBmLs3OzowMh3Q9loG77jur5aWIJG-yOuFvVCnr2cmLeeDG4jmL6ysoPI0BHYM1nOnN-YjivDkUiz99Cf1DfMZMm5d65KiUvXB0mYmMS5AlbFWRDPvCEpX4fkwoAca1NV73s2JUtzsyj7snceBX12XnmrMuz7vt9Gh3JJpUdpy~IHjc-o8Q5JEeTxDG8Od2Hyr7vwSu63k1mA9asNh0bTw8QKBHRhKc1-nfCD9Tsg2wis0bm8Tbyhx2RpKTdTQ__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

REIS, Alice Casanova dos. "**Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo.**" Florianópolis: PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2014: 142-157. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

REISDORFER, Ulianov et al. **Ciência, estética, e mística: modelos na psicologia analítica.** Campinas: Repositório da Produção Científica e Intelectual da Unicamp, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280144>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

RICOEUR, PAUL. "**O Si-Mesmo como um Outro**". WMF Martins Fontes. São Paulo, 1996. Disponível em: <<https://www.estantevirtual.com.br/livros/paul-ricoeur/o-si-mesmo-como-um-outro/3501530484>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

SANTOS, Ivanaldo. **Freud e a linguagem.** São Paulo: Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura, v. 14, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/4537/3505>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

SIERRA BLAS, Verónica. **Palabras huérfanas.** Los niños y la guerra civil, Madrid: Taurus, 2009. Disponível em: <<https://www.tagusbooks.com/leer?isbn=9788430608973&li=1&idsource=3001>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2016/03/silveira-nise-jung-vida-e-obra.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

SILVEIRA, Nise Da. **Imagens do Inconsciente com 271 Ilustrações.** Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-PT&lr=&id=JHw2DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA7&dq=Nise+da+silveira+imagens+do+inconsciente&ots=v5U48PIOLR&sig=eT6YkukmA2tYEJVHhp56mTuVcLg#v=onepage&q=Nise%20da%20silveira%20imagens%20do%20inconsciente&f=false>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

SILVEIRA, Nise Da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Editora Ática, 1992. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/silveira-nise-o-mundo-das-imagens-texto.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

SCHWANTES, Cíntia. **Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero**. Brasília: Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 30, p. 53-62, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3231/323127094004.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

TEODORO, Elizabeth Fátima; SILVA, Mardem Leandro; FERREIRA, Pedro Henrique Estevão. **Arqueologia da Psique: Um breve esboço da teoria da personalidade à luz de Jung**. Belo Horizonte: Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, 2019, 4.7: 301-321. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18675>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

VERGUEIRO, Paola Vieitas. **Jung, entrelinhas: reflexões sobre os fundamentos da teoria junguiana com base no estudo do tema individuação em Cartas**. São Paulo: Psicologia: teoria e prática, v. 10, n. 1, p. 125-143, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818625010.pdf>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

VIÇOSA, Raquel et al. **Autonarrativas como método de pesquisa: Sobre a complexidade de narrar-se**. Jornada Acadêmica, v. 1, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/jornacad/article/view/19455>>. Acesso em: 30 Agosto. 2020.

ANEXOS

Análise de Plágio

Resultado da análise

Arquivo: TCC Douglas André.docx

Estatísticas

Suspeitas na Internet: 7,19%

Percentual do texto com expressões localizadas na internet .

Suspeitas confirmadas: 7,05%

Percentual do texto onde foi possível verificar a existência de trechos iguais nos endereços encontrados .

Texto analisado: 95,71%

Percentual do texto efetivamente analisado (imagens, frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).


Sucesso da análise: 100%

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Endereços mais relevantes encontrados:

Endereço (URL)	Ocorrências	Semelhança
https://silo.tips/download/todos-os-contosoficial	18	3,31 %
https://todosforadaestante.blogspot.com	16	2,94 %
https://frases.art.br/clarice-lispector/nao-me-deem-formulas-certas-por-que-eu-nao-espero-acertar-sempre.htm	16	5,57 %
https://www.concursosmilitares.com.br/provas-antiores/aeronautica/ciaar/cafar/2013-gramatica-interpretacao-texto.pdf	15	6,68 %
https://doczz.com.br/doc/405316/clarice-lispector	14	6,46 %
http://livrozilla.com/doc/1432111/clarice-lispector--prof.-ismael-dantas	14	6,46 %

CURRÍCULO LATTES



Douglas André de Souza

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9478538978791199>

ID Lattes: **9478538978791199**

Última atualização do currículo em 10/09/2019

Possui ensino-médio-segundo-graupela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cora Coralina(2010). Tem experiência na área de Psicologia. **(Texto gerado automaticamente pela aplicação CVLattes)**

Identificação

Nome Douglas André de Souza

Nome em citações bibliográficas SOUZA, D. A.

Lattes iD <http://lattes.cnpq.br/9478538978791199>

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2016 Graduação em andamento em Psicologia.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.

2009 - 2010 Ensino Médio (2º grau).
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cora Coralina, EECC, Brasil.

Áreas de atuação

1. Grande área: Ciências Humanas / Área: Psicologia.

Idiomas

Português Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem.

Espanhol Compreende Razoavelmente, Fala Pouco, Lê Razoavelmente, Escreve Pouco.

Inglês Compreende Pouco, Fala Pouco, Lê Pouco, Escreve Pouco.

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Fonte:

http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K2003003J7&tokenCaptchar=03AGdBq25eI0O7JEEE06_yremrAO3B_ewvwSmR38EXP7DDjwAe1UOcRHI1D4vVOcLmbtzWswg0uyN4b61FtUcRjfdKohmZAFsjG7d4jz1rAhM7ntRdBhEeDsBQbwccicZvaSTMs-AbmATaz-pr59AdAg5Xfwn_vHP931tLENCJbHE0-I_JKcnlRZSu9xJqjEVEdDktbovkbStaYLx9rORUDMvBzMvlcw2-BcFQDTBNg8NmXYSZsS6vu0dCiyRnWX9Du4TYi1xrOnadV8d3joDfoGKb-7riMrteRXAo1yGWft-SHdTiy2Vpsnh33st-JMhXHx_xOjAs2mf-yaqs_mDwzfSyYHPpe1Up2KIWL6oqHccUSh3ZRAKGD_Br8FjbmqT7rHJzCnLwbxZT0DW2mO5K8fdMc62ML8oDkQ